



*Abu Ghraib, Katrina, Guantánamo*  
*Michael Moore, Spike Lee*



THE WUNDER CO. HANGOUT FEUTERS

# Michael Moore é a cura ou a doença?

Há "Sicko", denúncia de Michael Moore do sistema de saúde norte-americano. E há "Manufacturing Dissent", de Rick Caine e Debbie Melnyk, a denúncia dos métodos de Michael Moore. Vasco Câmara



**Sicko**  
de Michael Moore

Lisboa Culturgest, Grande Auditório, dia 21, 21h

**Manufacturing Dissent**  
de Rick Caine e Debbie Melnyk

Lisboa Cinema S. Jorge, dia 28, 19h30

Em terra de cegos quem tem olho é rei e é só por isso que Michael Moore é ícone pop nos EUA - e também nos arredores. A tese é disparada, e são balas de desconstrução, em "Manufacturing Dissent", documentário dos canadianos Rick Caine e Debbie Melnyk, que se aproximam do realizador de "Fahrenheit 9/11" como ele habitualmente se aproxima nos seus filmes dos alvos que escolhe. Não costuma ser assim (e desculpas pelo exagero gráfico...): abraçar a "vítima" para melhor a apunhalar?

Já há algum tempo que é tempo de ressaca para Moore. Por isso neste DocLisboa, "Sicko", o último filme do realizador - uma denúncia do sistema de saúde norte-americano que trata os doentes como estorvo para o programa de maximização de lucros das seguradoras e das empresas farmacêuticas -, vai ter que enfrentar a rivalidade da denúncia de Caine e Melnyk. Que eram fãs de Moore, imagine-se...

Esta história, que tem laivos então de "morte do pai", passa-se durante a "tournée" de "Fahrenheit 9/11" (2004) e da campanha de Moore para impedir a reeleição de George W. Bush. Foi "perseguido" por Rick Caine e Debbie Melnyk, que queriam entrevistá-lo. Ele foi-se escusando, porque estava atarefado, porque estava concentrado na guerra contra Bush. (Estava, sobretudo, visivelmente incomodado com estes cana-

dianos simpáticos - os canadianos supostamente gostam de Moore; Moore supostamente gosta do Canadá; nestes casos costuma ser assim, a "love story" acaba mal.)

Caine e Melnyk reuniram em estúdio amigos e ex-amigos do realizador, críticos de cinema, ex-colaboradores e documentaristas (Errol Morris, por exemplo). O resultado, para além das acusações de "megalomania" (até por parte de amigos afectuosos), de incapacidade de "encaixar" as críticas e de uma excessiva preocupação com o seu "show" e com o seu património que não rima com a figura de paladino dos desfavorecidos, é este: Moore sacrifica tudo - isto é: o rigor - em favor da manipulação; não é político nem documentarista, é um "polemista"; até nem gosta de documentários, aquilo que faz só pode ser outra coisa - é verdade que sempre disse que se dirige sobretudo ao "público dos multiplexes", aquele que tem uma tolerância mínima em relação ao aborrecimento quando está na sala de cinema, e que por isso tenta injectar doses q.b. de espectáculo no ecrã; finalmente, como corolário: Moore só é o que é, um ícone, porque existe "um vazio" para preencher na política americana, e esse vazio está à esquerda; Moore não aprofunda, Moore é o espelho da impotência da esquerda americana.

Não é só conversa. Caine e Melnyk e os seus convidados analisam as

impressões digitais do realizador, os métodos revelados em seqüências dos seus filmes. Por exemplo: a forma como, em "Bowling for Columbine" (2002), encurralou o actor Charlton Heston, ex-líder da National Rifle Association, para fazer vingar a sua denúncia da "ideologia" bélica americana; a forma como, em "Fahrenheit 9/11", "tirou do contexto" excertos de discursos de Bush para provar a idiotice de Bush ou como mostrou a história de um soldado que regressou amputado da guerra no Iraque esquecendo-se de dizer que esse soldado continuava patrioticamente a favor da intervenção no Iraque; o facto de em "Roger and Me" (1989) ter deitado fora na sala de montagem a conversa que teve com Roger Smith, o "patrão" da General Motors, em que falaram sobre a decisão de fechar as instalações da fábrica em Flint, Michigan - mandando 30 mil trabalhadores para o desemprego e uma cidade para a depressão -, só para que o filme ganhasse o tom de picara e infrutífera busca, por parte do realizador, do tal fugidito Roger... (golpe doloroso, este; tínhamos "Roger and Me" como o melhor filme de Michael Moore...).

Michael Moore não é cura para nada, muito menos para o documentário? Moore é um sintoma da "espectacularização" da sociedade americana, é isso?

É com isso que nos temos de debater quando virmos, em "Sicko", a história do homem que ficou sem as cabeças de dois dedos num acidente com serra eléctrica e teve que escolher, por imposição da seguradora, qual deles queria ver reconstituído, porque dois era demais.

Ou o caso da mulher que teve um cancro mas não teve ajuda da sua seguradora para tratamentos porque ter um cancro aos 22 anos não é normal, é luxo.

Ou a "pièce de resistance" de "Sicko": os ex-voluntários das operações de limpeza do Ground Zero de Nova Iorque, que contrataram doenças respiratórias pela exposição a resíduos tóxicos, em quem Michael Moore pega e leva para tratamento a Cuba. Violou o embargo imposto pelos EUA ao fluxo, sem autorização, de pessoas e bens para a ilha de Fidel, mas, segundo ele, provou que, escândalo dos escândalos, na inimiga e comunista ilha aqueles que há anos se sentem derrotados pelos labirintos do sistema americano encontram, enfim, tratamento e solidariedade - e mesmo ali ao lado é Guantánamo, onde "até a Al-Qaeda", diz Moore, tem melhores condições do que os "heróis" americanos do 11 de Setembro.

Por aqui se vê que para Moore demasiadas subtilidades continuam a dificultar o efeito de reconhecimento que ele pretende do espectador. Mas, apesar de tudo, há em "Sicko" um tom diferente. Michael Moore não é tão omnipresente no ecrã, por exemplo; não persegue ninguém. Ele disse isto no Festival de Cannes, em Maio, na estreia mundial de "Sicko": "Quis fazer uma coisa diferente. Não quero ser aquele Michael Moore que 'bate' no congressista. Não quero ser eu a fazer as coisas, quero que sejam os americanos a levantar-se e a fazer as coisas. Estive discreto a fazer este filme, há dois anos e meio que não apareço na televisão americana, estou cansado de gritar e de não chegar a lado nenhum." É um Michael Moore, então, algo solene, na altura em que, mais do que o diagnóstico que ele faz sobre a América, a questão é se ele não faz parte de uma doença da sociedade americana.

**Mais do que o diagnóstico que Moore faz sobre a América, a questão hoje é saber se ele próprio não faz parte de uma doença da sociedade americana**



## **Derek Jarman na Culturgest e na Serpentine**

“Glitterburg”, montagem de imagens filmadas por Derek Jarman com a sua Super-8, entre 1971 e 1986, registando o ambiente cultural londrino dos anos 70 e já com indícios da militância “camp” e “punk” do realizador - retrato, por isso, do ecletismo cultural do próprio Jarman - é um dos destaques da secção “Diários Filmados e Auto-Retratos” do DocLisboa, festival que arranca esta semana [ver textos nestas páginas]. E foi esta semana anunciado que a Serpentine Gallery de Londres vai exhibir uma exposição sobre a obra de Jarman e que o curador é o realizador e artista plástico Isaac Julien. Vai acontecer em Fevereiro, 14 anos depois da morte do autor de “Jubilee” e “Sebastiane”. Julien, que em 2001 foi nomeado para o prémio Turner pelos seus filmes experimentais “The Long Road to Mazatlan” e “Vagabondia”, admitiu sempre a influência de

Jarman no seu trabalho e é em nome dela que produz um filme sobre Jarman, que será uma peça central da exposição na Serpentine - o filme inclui imagens de Jarman a falar sobre a sua vida captadas dois anos antes da morte, em 1994. A exposição incluirá uma série de pinturas de Jarman, escolhidas por Julien, e que pela primeira vez em sete anos vão ser exibidas juntas no Reino Unido. Hans Ulrich Obrist, um dos directores das

exposições da Serpentine, avançou ao “Guardian” que a exposição destaca o pioneirismo do trabalho de Jarman: “Hoje os artistas usam frequentemente imagens em movimento nas suas instalações nas galerias, mas Jarman foi pioneiro ao aventurar-se nas galerias e museus com os seus filmes”.